

Empresários não mudam planos à espera do resultado final

por Antônio Gutierrez
de São Paulo

A polarização entre esquerda e direita no primeiro turno das eleições presidenciais não chegou a alterar a estratégia de algumas empresas ouvidas por este jornal.

Além de ser muito cedo para qualquer decisão, considerando que a apuração ainda não está encerrada, outros fatores contribuem para que os empresários mantenham seus planos: política de preços flexível, através das câmaras setoriais; queda da demanda no comércio; os ministros da área econômica do atual governo continuam descartando a possibilidade de choque na economia; e a possibilidade da dianteira, no segundo turno, do candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, considerado de direita, que apareceria como proponente de caminhos menos assustadores.

"Os empresários estavam preparados para esta competição entre direita e esquerda", afirmou o

diretor-presidente da Indústria de Papel e Papelão São Roberto e presidente do Sindicato da Indústria de Papelão do Estado de São Paulo, Roberto Nicolau Jeha, ao repórter Fernando Canzian. Na opinião de Jeha, não deve ocorrer pressão de preços nos próximos dias: "A demanda está baixa, e nos últimos dias aumentou a oferta de matérias-primas".

O clima de tranquilidade, que caracterizou essas eleições, deve ser a tônica entre os empresários, na opinião do diretor da Conflux Metalurgia e Iluminação e presidente da Associação Brasileira da Indústria de Iluminação (ABILUX), Carlos Eduardo Uchoa Fagundes. "Permaneceu a vantagem do candidato (Collor de Mello) que tem maior afinidade com os empresários; por isso o mercado deve continuar como está: um tanto desaquecido, o que pressupõe estabilidade de preços", afirmou Fagundes.

Esta mesma opinião é partilhada pelo diretor da Klabin e presidente da As-

sociação Nacional de Fabricantes de Papel, Papelão e Celulose, Horácio Cherkarsky: "Os preços não se alterarão com as eleições e só subirão se a demanda subir. Além disso, a maioria das empresas está reajustando seus preços com base em 90% do IPC".

Assustado com o avanço da esquerda, principalmente do candidato petista, Luis Inácio Lula da Silva, o diretor-presidente do grupo Lorenzetti, que atua no setor eletroeletrônico, Aldo Lorenzetti, acha necessária uma mobilização do empresariado em torno do candidato Collor de Mello. "A campanha de Collor está baseada no combate ao déficit público, o maior problema do País", acredita.

Mesmo assim, Lorenzetti afirma que não alterou sua estratégia de administração para este fim de ano, e até demonstra uma ponta de otimismo em relação ao futuro, caso a esquerda chegue ao poder: "Se Lula distribuir renda e investir em infra-estrutura será

bom para a empresa porque fortalecerá o mercado".

"Não haverá alteração no mercado", garante o diretor-secretário da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) e diretor da Sicon, empresa que atua no setor de componentes elétricos para refrigeração, Rui Sales Cunha. Essa tranquilidade, segundo sua análise, vem do apoio recebido por Collor de Mello "não só dos empresários, mas da grande maioria da população", no primeiro turno das eleições.

O presidente da indústria de brinquedos Grow e da Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos (Abrinq), Oded Grajew, também acredita que a polarização entre esquerda e direita não alterará as políticas das empresas: "Esse resultado não é surpresa". Na sua opinião, o comportamento dos preços vai depender, nos próximos dias, de uma maior definição dos programas de governo dos dois candidatos finalistas.